

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO  
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Ten Cel Cav PEDRO DA CRUZ **MACHADO** JÚNIOR

**O CONFLITO DA UCRÂNIA À LUZ DO  
PENSAMENTO MILITAR DE CLAUSEWITZ:  
ENSINAMENTOS NOS NÍVEIS POLÍTICO E  
ESTRATÉGICO, COLHIDOS A PARTIR DOS PRINCIPAIS  
EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA.**



Rio de Janeiro  
2023

Ten Cel Cav PEDRO DA CRUZ **MACHADO JÚNIOR**

**O Conflito da Ucrânia à Luz do Pensamento Militar de Clausewitz: Ensinaamentos nos Níveis Político e Estratégico, Colhidos a Partir dos Principais Equívocos Cometidos pela Federação Russa.**

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para a matrícula no Programa de Pós-graduação *latu sensu* em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Cel Cav R1 FLÁVIO ROBERTO BEZERRA **MORGADO**

Rio de Janeiro  
2023

M149c Machado Júnior, Pedro da Cruz

O conflito da Ucrânia à luz do pensamento militar de Clausewitz: ensinamentos nos níveis político e estratégico, colhidos a partir dos principais equívocos cometidos pela Federação Russa. / Pedro da Cruz Machado Júnior. - 2023.

45 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Flávio Roberto Bezerra Morgado. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 44-45

1. CONFLITO. 2. RÚSSIA. 3. UCRÂNIA. 4. CLAUSEWITZ. 5. EQUÍVOCOS. 6. ENSINAMENTOS. I. TÍTULO.

CDD 355.4

Ten Cel Cav PEDRO DA CRUZ **MACHADO** JÚNIOR

**O Conflito da Ucrânia à Luz do Pensamento Militar de Clausewitz: Ensinaamentos nos Níveis Político e Estratégico, Colhidos a Partir dos Principais Equívocos Cometidos pela Federação Russa.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em 23 de outubro de 2023.

COMISSÃO AVALIADORA

---

Cel Cav R1 Flávio Roberto Bezerra **Morgado** - Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

TC Cav Rafael de Mattos **Falcão** - Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

Maj Cav Joel de Oliveira **Arruda** - Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

## **AGRADECIMENTOS**

À minha esposa Amanda. Obrigado pela compreensão e por estar sempre ao meu lado. Minha sincera admiração pela força e caráter que sempre demonstrou. Tenho muito orgulho de todos vocês.

Agradeço primeiramente a Deus. Ele me trouxe até aqui, por sua infinita compaixão. A ele entrego o meu destino.

Ao meu orientador, Cel Morgado, pela paciência e camaradagem durante a realização deste trabalho.

Aos amigos do CCEM, que muito contribuíram com este trabalho, seja quanto aos meus questionamentos ou mesmo com a manutenção do excepcional ambiente de trabalho.

“Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mateus, 6:33).

## LISTA DE ABREVIATURAS

Bld	Blindado (a)/Blindados (as)
C <sup>2</sup>	Comando e Controle
DECEx	Departamento de Educação e Cultura do Exército
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
DTA	Direção Tática de Avanço
EMCFA	Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
END	Estratégia Nacional de Defesa
EUA	Estados Unidos da América
LBDN	Livro Branco da Defesa Nacional
MD	Ministério da Defesa
OEE	Objetivos Estratégicos do Exército
Op	Operação/Operações
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PEEx	Plano Estratégico do Exército
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis
PND	Política Nacional de Defesa
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o Conflito da Ucrânia à luz do pensamento militar de Clausewitz para colher ensinamentos nos níveis político e estratégico, com foco nos principais equívocos cometidos pela Federação Russa. Para tanto foram explorados aspectos referentes a caracterização do ambiente operacional da Ucrânia; a identificação dos principais equívocos cometidos pelo invasor; as principais ações estratégicas realizadas; as principais manobras realizadas no campo político; e seus desdobramentos. A pesquisa foi realizada por meio da consulta a artigos publicados, sites de comprovada credibilidade, manuais, documentos, relatórios, e outras fontes.

**Palavras-chave:** Conflito, Rússia, Ucrânia, Clausewitz, equívocos e ensinamentos.

## **ABSTRACT**

This work aimed to analyze the Ukraine Conflict in the light of Clausewitz's military thinking to learn lessons at the political and strategic levels, focusing on the main mistakes committed by the Russian Federation. For this purpose, aspects related to the characterization of the operational environment in Ukraine were explored; identification of the main mistakes made by the attacker; the main strategic actions carried out; the main maneuvers carried out in the political field; and its developments. The research was carried out by consulting published articles, sites of proven credibility, manuals, documents, reports, and other sources.

**Keywords:** Ukraine War, Clausewitz, Russian Federation and lessons.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
2	<b>ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NA COMPREENSÃO DA GUERRA.....</b>	<b>16</b>
3	<b>ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NO PLANEJAMENTO DA GUERRA.....</b>	<b>23</b>
4	<b>ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NA CONDUÇÃO DA GUERRA.....</b>	<b>33</b>
5	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em 24 de fevereiro de 2022, o mundo assistiu, com certa surpresa, a segunda violação das fronteiras ucranianas em menos de uma década. As ações da Federação Russa trouxeram à tona antigas disputas territoriais no coração do Velho Continente, dando início a um conflito de alta intensidade (DMT, Nov 2022).

Com pouco mais de um mês após o início da guerra, as forças armadas da Ucrânia realizavam esforços para impedir a progressão inimiga. A velocidade do avanço realizado nos primeiros dias indicava para a conclusão da campanha de forma muito rápida e avassaladora, dada a esmagadora superioridade militar das forças russas. No entanto, com pouco mais de um mês de enfrentamentos, a ofensiva russa dava sinais de perda de impulso. Naquele momento, os focos de resistência da Ucrânia logravam vitórias que acabaram por frustrar os planos de Putin para o país vizinho.

A interrupção do avanço caracteriza o que Clausewitz chamava de atingimento do “ponto culminante da ofensiva”, um momento nas operações em que o atacante é detido. Quando isso acontece, segundo o grande general prussiano do século 19, autor do clássico “Da Guerra”, algumas coisas podem acontecer: negociações de paz que ponham fim às hostilidades, mudança da atitude do atacante, que passa à defensiva, ou uma reorganização para retomar a iniciativa da ofensiva (FILHO, 2022).

Fotografia 1 – coluna blindada russa destruída em Bucha



Foto: Aris Messinis/AFP

O mapa abaixo evidencia a reação ucraniana, particularmente bem sucedida ao norte do país. O ataque iniciado a partir da Bielorrússia e da Federação Russa

encontrou dificuldades de toda ordem, resultando, posteriormente, na retirada dos invasores daquela Zona de Ação.

Mapa 1 – Avanço Russo e Contenção Ucraniana



Fonte: Ministério da Defesa da Grã Bretanha no Twitter

Feita essa breve explanação a respeito das primeiras semanas da guerra, pode-se arguir a respeito de como a política e a estratégia praticadas pela Federação Russa impactaram o desenvolvimento do conflito. Certamente, de forma decisiva, seja contribuindo para os êxitos alcançados ou conduzido aos fracassos observados até o presente.

Caberá então elucidar quem são as principais lideranças opositoras nos níveis político e estratégico, haja vista que sem esse entendimento tornar-se-ia incompleta qualquer análise sobre o tema. Certamente, a história militar escrita em solo ucraniano ensinará análises futuras que incluam esses personagens. Cabe aqui a definição de liderança militar adotada pelo Exército Brasileiro.

A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em dada situação” (C 20-10 “LIDERANÇA MILITAR”, 2011).

No presente, com a cristalização da frente de batalha, cabe pontuar o que será o foco dessa pesquisa: quais foram os principais equívocos cometidos pela Federação Russa e quais os ensinamentos colhidos nos níveis político e estratégico com o conflito na Ucrânia?

Este trabalho pretende elucidar essa questão, analisando os acontecimentos com base na obra “Da Guerra” de Clausewitz. Seus conceitos são estudados até os

dias atuais e permanecem como um dos principais referenciais teóricos para o estudo das guerras.

Após analisar a aplicação dos conceitos do grande estrategista nos principais conflitos pós II Guerra Mundial, o autor conclui que: “Aqueles que abandonaram os ensinamentos de Clausewitz, alijando-os de sua concepção na Formulação da Estratégia Militar, perderam uma das ferramentas indispensáveis na construção da vitória. Da Guerra, a obra de Clausewitz, prosseguirá, através dos tempos, como um marco de referência a ser consultado por gerações de políticos e militares, interessados no entendimento da filosofia da guerra e na formulação das diretrizes que colimam os mais altos interesses nacionais” (A Defesa Nacional, ABR/JUN 1992).

Para isso, essa pesquisa foi delimitada pela atuação da Federação Russa no conflito da Ucrânia, particularmente no que se refere aos equívocos cometidos nos níveis político e estratégico. A fundamentação deste trabalho está contida na obra “Da Guerra”, de Clausewitz, cujos conceitos balizarão o desenvolvimento da presente pesquisa. Nesse sentido, somente serão abordados os acontecimentos ocorridos durante o primeiro ano do conflito.

A Rússia é o maior país do mundo. Com um território de mais de 17 milhões km<sup>2</sup>, comporta ao todo 11 fusos horários. Para efeito de comparação, equivale a cerca de duas vezes o tamanho do Brasil, ou seja, um território imenso (MARSCHALL, 2018).

Mapa 2 – Rússia Físico



Fonte: Dreamstime

Em 2021, segundo o Banco Mundial, sua população foi estimada em mais de 143 milhões de habitantes, o que resulta em um imenso vazio demográfico à leste dos Montes Urais. Este aspecto fisiográfico marca a divisão entre as porções europeia e

asiática da Rússia. À oeste, é uma potência do velho mundo. Esse fato não se repete em suas relações com os vizinhos asiáticos. Compartilha fronteiras terrestres com Cazaquistão, Mongólia, China e Coreia do Norte, além de estar próximo ao Japão e outros países (MARSCHALL, 2018).

Bem no alto dos Urais há uma cruz assinalando onde a Europa termina e a Ásia começa... No inverno ela fica coberta pela neve, tal como a planície siberiana que vemos abaixo de nós, estendendo-se em direção à cidade de Ecaterimburgo. Os turistas gostam de por um pé na Europa e outro na Ásia... Você pode ter viajado 2.400 km desde São Petersburgo, através da Rússia ocidental, para chegar aos Urais, porém ainda lhe restam outros 7.200 km antes de chegar ao estreito de Bering... (MARSCHALL, 2018).

Após a dissolução da União Soviética, sobreveio um período de instabilidade política, até a ascensão ao poder de Wladimir Putin, um antigo agente da KGB. Era crítico de Mikhail Gorbachev, responsabilizando-o pela desintegração territorial, a qual considera o maior desastre geopolítico do século XX (MARSCHALL, 2018).

A partir daquele momento, a atenção russa se manteve focada na expansão da OTAN para o leste, cada vez mais próxima de suas fronteiras. A entidade passou a incorporar países que, segundo Putin, haviam assegurado que não o fariam, como República Tcheca, Hungria e Polônia (1999); Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia e Eslováquia (2004); e Albânia (2009). Por outro lado, a OTAN alega que jamais foram fornecidas garantias sobre esse assunto. Cabe destacar que a Rússia permaneceu como a herdeira natural do poderio militar soviético, tanto convencional como nuclear (MARSCHALL, 2018).

Nesse sentido, a Ucrânia representava o limite que, na visão russa, jamais poderia ser ultrapassado. O Kremlin jamais aceitaria aquele território alinhado ao ocidente. Nos campos político e econômico, essa aproximação estava em gestação por intermédio da incorporação à União Europeia. No entanto, já em 2013, o maior interesse do “*Grande Urso*” se voltava para o risco iminente da adesão dos ucranianos à OTAN (MARSCHALL, 2018).

A Crimeia foi parte da Rússia por dois séculos, antes de ser transferida para a República Soviética da Ucrânia, em 1954, pelo então presidente Nikita Krushev, numa época em que se pensava que o homem soviético nunca deixaria de existir, e assim a área seria controlada por Moscou eternamente. Agora que a Ucrânia não é mais soviética, nem mesmo pró-Rússia, Putin sabia que a situação tinha de mudar. Os diplomatas ocidentais sabiam? Se não sabiam, estavam desconhecendo a regra A, a lição número um de “Diplomacia para Iniciantes”: quando defrontada com uma ameaça que considera existencial, uma grande potência usará da força. Se eles estavam cientes, devem ter considerado a anexação da Crimeia por Putin um preço que valia a pena pagar a fim de atrair a Ucrânia para a Europa moderna e a esfera de influência ocidental (MARSCHALL, 2018).

A Ucrânia está localizada no leste europeu e possui cerca de 600 mil km<sup>2</sup>, o que a torna o segundo maior país do velho continente, atrás apenas da Federação Russa. Em 2021, sua população somava aproximadamente 43 milhões de habitantes, contando com significativa parcela de russos étnicos, particularmente na porção leste, conhecida como Donbass, bem como na região ocupada da Criméia (IBGE, 2023).

Mapa 3 – Ucrânia Físico



Fonte: Dreamstime

Com a dissolução da União Soviética em 1991, a Ucrânia buscava sua autonomia, iniciando um processo que culminaria com sua independência ainda nesse ano. O país participou da fundação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), entidade que reunia países que foram repúblicas soviéticas (IBGE, 2023).

Entretanto, a emancipação ucraniana não ocorreu sem que a Rússia tivesse garantias robustas no que se refere à preservação de sua segurança. A Ucrânia, sob pressão, precisou abrir mão de seu poderoso arsenal nuclear, em um acordo que contou com a mediação dos Estados Unidos e da Inglaterra (Doutrina Militar Terrestre, 2014).

É importante lembrar que o Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança, assinado em 1994 por EUA, Rússia, Reino Unido e Ucrânia, assegurou a devolução aos russos de milhares de ogivas nucleares soviéticas. Pelo pactuado, o país recém independente recebeu garantias de que EUA e Rússia não usariam a força ou o ameaçariam com ações militares (DMT, 2014).

Fotografia 2 – Assinatura do Memorando de Budapeste



Fonte – blogspot ucrânia-mozambique

Nesse contexto, a Ucrânia apresenta enorme importância geopolítica, transformando seu território em um palco de disputas de poder no cenário mundial. Para o ocidente, o controle daquela região significa a influência sobre o “heartland”, a área pivô do mundo (MACKINDER, 1904). Além disso, proporciona a contenção da influência russa na região, materializando a Teoria das Fimbrias (SPYKMAN, 1942).

Mapa 4 – A Ilha Mundo, de Mackinder



Fonte: Editora Brasil Energia

Para a Rússia, o domínio sobre a ucrânia é crucial para a preservação de sua zona de proteção, o que garante a segurança nacional na planície do norte da Europa. Futuramente Putin afirmaria em discurso que: “A Rússia se viu numa posição da qual

*não podia recuar. Se você comprime uma mola até o limite máximo, ela voltará com força na direção contrária. É preciso sempre se lembrar disso” (MARSCHALL, 2018).*

Este trabalho torna-se relevante ao passo que trata da observação de uma guerra em curso. Esse fenômeno, que deve ser compreendido pelos profissionais das Forças Armadas, produz inúmeros ensinamentos que poderão apoiar futuros planejamentos, particularmente nos níveis político e estratégico. Dessa forma, essa pesquisa poderá contribuir para a elaboração de documentos e diretrizes que balizem a atuação do Exército Brasileiro, particularmente no que se refere à Defesa Externa.

## 2. ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NA COMPREENSÃO DA GUERRA

É possível afirmar que a Federação Russa iniciou a concepção da invasão de fevereiro de 2022 com muita antecedência. As evidências de que o território ucraniano seria, mais uma vez, invadido, se acumulavam no início daquele ano e a tensão no Leste Europeu atingia níveis alarmantes.

Em novembro de 2021, teve início um período de acirramento das tensões entre a Federação Russa, a Ucrânia e os integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em face da concentração estratégica de cerca de 100 mil soldados russos, com tropas blindadas, forte apoio de artilharia e de aeronaves, próximo da fronteira ucraniana (FILHO, 2022).

Em fevereiro de 2022, as informações do sistema de inteligência ucraniano e da própria OTAN alertavam no sentido de que o início de uma invasão em larga escala era iminente. O presidente dos EUA, Joe Biden, em discurso de 18 de fevereiro daquele ano, afirmou:

“Temos motivos para acreditar que as forças russas estão planejando e pretendem atacar a Ucrânia na próxima semana ou nos próximos dias”, afirmou Biden durante uma conferência na Casa Branca. “Acreditamos que eles terão como alvo a capital da Ucrânia, uma cidade de 2,8 milhões de pessoas inocentes.” (Revista Exame, fevereiro de 2022).

Em contraposição ao acúmulo de evidências, o presidente Putin negava que houvesse a intenção de iniciar a guerra. Na verdade, a invasão nunca foi chamada de guerra, e sim, passou a ser tratada como uma “Operação Militar especial”, conforme consta do discurso proferido por Putin, em 24 de fevereiro de 2022.

“Nesse contexto, em conformidade com o artigo 51, parágrafo 7, da Carta das Nações Unidas, com a sanção do Conselho da Federação da Rússia e cumprindo os tratados de amizade e assistência mútua com a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk ratificados pela Assembleia Federal em 22 de fevereiro deste ano, decidi conduzir uma operação militar especial.” Seu objetivo é proteger as pessoas que há oito anos são submetidas a abusos e a um genocídio por parte do regime de Kiev.” (PUTIN, 2022).

Essa declaração evidencia o tipo de guerra que a Rússia esperava travar. Esse aspecto é fundamental para o estudo desse conflito e os ensinamentos que dele podemos extrair. A compreensão dos fatores que podem influenciar o

desenvolvimento dos conflitos, dentre os quais a resiliência da população, muitas vezes foge ao olhar das autoridades responsáveis por conduzir a guerra no nível político, principalmente se o conflito for tomado por algo que não é, ou seja, se não for planejado e executado sob a premissa de que as vontades entrarão em rota de colisão.

“Se você deseja sobrepujar o seu inimigo, deve combinar os seus esforços contra o seu **poder de resistência**, que pode ser expresso como o produto de dois fatores inseparáveis, isto é, **a totalidade de meios à sua disposição e a força da sua determinação**. A quantidade de meios à sua disposição é uma questão - embora não exclusivamente - de números e deve ser mensurável. Mas a força da sua determinação é muito mais difícil de ser determinada e só pode ser medida aproximadamente através da força do estímulo que a move. (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

A citação acima refere-se a um dos pontos centrais da compreensão da guerra pela Federação Russa, qual seja, a **avaliação do poder de resistência** da Ucrânia. Certamente, ao comparar a “*totalidade de meios a disposição*” das Forças Armadas dos dois países, resta claro a superioridade da primeira em relação à segunda, particularmente quanto aos aspectos numéricos.

Figura 1 – Comparação do Poder Militar



Fonte – GlobalFirepower

É possível que os acontecimentos de 2014 e seus resultados tenham influenciado a percepção dos russos, servindo como referencial para a avaliação equivocada do Ambiente Operacional. Esse é outro aspecto a ser considerado para a

decisão política tomada por Putin ao empreender novos avanços territoriais, a partir de 24 de fevereiro de 2022.

“O conhecimento dos fatores operacionais é fundamental para desenvolver um entendimento completo do ambiente, para obter consciência situacional. Eles são aspectos militares e não militares que diferem de uma área de operações para outra e afetam as operações. Descrevem não só os aspectos militares de um **ambiente operacional**, mas também a influência da população sobre ela, abrangendo as dimensões humana, física e informacional (EB 70-MC-10.211 – PPCOT).

A rapidez com que se consumou a invasão da Criméia não proporcionou tempo de reação ao ocidente, tampouco a as Forças Armadas Ucranianas possuíam os meios para impedir a tomada daquele território. A incipiente resistência ucraniana e a fraqueza da reação ocidental certamente encorajaram as futuras ações militares contra a Ucrânia. Dessa forma, os políticos e estrategistas russos podem ter deduzido que a reação ocidental não avançaria além de poucas sanções econômicas e de posicionamentos diplomáticos em organismos internacionais.

“Ninguém correu em socorro da Ucrânia quando ela perdeu um território do tamanho equivalente ao da Bélgica ou ao estado americano de Maryland. A Ucrânia e seus vizinhos conheciam uma verdade geográfica: se você não está na OTAN, Moscou está próximo e Whashington D.C. está distante (MARSHALL, 2018).”

A autoconfiança do regime de Moscou não se limitava ao campo militar, antiga fonte de projeção de poder e que mantinha seus vizinhos afastados politicamente do Ocidente. O petróleo e, principalmente, o gás russo representavam a maior fonte de energia para a Europa, que não apresentava opções vantajosas para substituir o seu fornecedor principal.

“A União Europeia impôs sanções limitadas – limitadas porque vários países europeus, entre eles a Alemanha, dependem da energia russa para aquecer suas casas no inverno. Os dutos correm de Leste para Oeste e o Kremlin pode abrir e fechar as torneiras. A energia como poder político será repetidamente utilizada nos anos seguintes, e o conceito de russos étnicos será empregado para justificar quaisquer movimentos que a Rússia faça. (MARSHALL, 2018).”

Também importa destacar a questão psicossocial favorável que estava presente na invasão da Criméia. Naquele território vivem russos étnicos que compõem parcela importante da população. Esse aspecto, aliado à questão energética e a enorme capacidade militar podem ter contribuído para a decisão política de preparar um novo conflito.

“A anexação da Criméia mostrou como a Rússia está preparada para a ação militar com o objetivo de defender o que vê como seus interesses no que chama de “exterior próximo”. Foi necessária uma aposta racional de que as

potências não interviriam e de que a Criméia era “factível”. É próxima da Rússia e podia ser suprida através do mar Negro e do mar de Azov, e podia contar com o apoio interno de grandes seções da população da península. (MARSHALL, 2018).”

É possível inferir que o sucesso russo na península serviu de catalizador do processo que levaria cabo a “Operação Militar Especial”. Algumas evidências alertavam para o fato de que a região não estava pacificada e que, principalmente, o “Urso”, símbolo da era soviética, não havia saciado a sua fome por territórios. Surge nesse momento um Wladimir Putin expansionista, ainda que de forma discreta.

Num discurso em 2014 o presidente Putin referiu-se brevemente a Novorossiia ou “Nova Rússia”. Os observadores do Kremlin respiraram fundo. Ele tinha revivido o título geográfico dado ao que é hoje o sul e o Leste da Ucrânia, que a Rússia havia conquistado do Império Otomano durante o reinado de Catarina a Grande, no final do século XVIII. Em seguida, Catarina assentou russos nessas regiões e exigiu que se adotasse o russo como primeira língua. A Novorossiia foi apenas cedida a recém formada República Socialista Soviética da Ucrânia em 1922. “Por quê?”, perguntou Putin retoricamente. “Que Deus os julgue”. Em seu discurso, ele arrolou as regiões ucranianas de Carcóvia, Lugansk, Donetsk, Kherson, Mykolaiv e Odessa antes de dizer: “A Rússia perdeu esses territórios por várias razões, mas o povo permaneceu.” (MARSHALL, 2018).”

Outro componente do poder de resistência tratado por Clausewits é “*a força da determinação*”. Esse aspecto, difícil de ser mensurado, trata da força conjunta de resposta daquele país. Esse conceito associa-se a outro, de grande relevância, constituindo os componentes da “Trindade Paradoxal”, de Clausewitz: Povo, Governo e Forças Armadas.

O primeiro aspecto refere-se às pessoas, ou seja, ao povo ucraniano, o qual vem demonstrando resiliência admirável. Essa condição, na qual os cidadãos apoiam a defesa de seu território, e são capazes de manter esse apoio, permite a sustentação do esforço de guerra no âmbito interno. Deve-se destacar que a agressão russa certamente despertou a animosidade no povo ucraniano, que assiste, diariamente, aos horrores da guerra. Com isso, aprofunda-se o ressentimento e o ódio entre os contendores, fato que dificulta ainda mais uma saída negociada para o conflito.

Fotografia 3 – Destruição em cidades ucranianas



Fonte: UNICEF

À medida que o conflito perdura, maiores são os danos causados à população e a infraestrutura do país. Nesse sentido, cabe destacar a influência do ódio e da tragédia humanitária sobre nas decisões e nas ações políticas, constituindo-se no combustível que move a batalha pela narrativa e pela opinião pública.

“Mesmo quando no início não existe qualquer ódio, nem qualquer animosidade nacional, o próprio combate despertará sentimentos hostis: a violência cometida por ordem superior despertará o desejo de vingança e de retaliação contra aquele que a cometeu, e não contra os poderes que determinaram a ação. Isto é apenas humano (ou animal, se você desejar), mas é um fato (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

O segundo aspecto, o “Governo”, é a representação do poder político e sua liderança, personalizada pelo presidente Volodymyr Zelensky. De forma surpreendente, o humorista, com pouca experiência e ainda em seu primeiro mandato, o qual passava por uma crise de aprovação, recusou a proposta norte americana para realizar sua evacuação do país. Sua decisão foi permanecer em Kiev, quando proferiu a célebre frase: “A luta é aqui. Eu preciso de munição, não de uma carona”. Certamente essa declaração pressionou os governos ocidentais, bem como a própria OTAN a agirem. Sabiam que eram observados atentamente pela Rússia e pela China.

“A partir de então, o presidente ucraniano fez o que se espera de um líder de um país em guerra: galvanizou os esforços de construção de um arco de alianças, que ficou consubstanciado no enorme apoio em recursos financeiros e material de emprego militar que o país vem recebendo ao longo desses trezentos dias, e liderou seu próprio povo no esforço de guerra. Ele foi visto frequentemente visitando as frentes de combate e hospitais e dirigese diariamente à população, conquistando apoio e respeito dos ucranianos, que é refletido nas altas taxas de popularidade do presidente.” (FILHO, Paulo, 2022).

O terceiro aspecto, as “Forças Armadas”, representam o poder militar no escopo do conflito. Nesse contexto, foram observadas profundas mudanças no braço armado ucraniano, particularmente a partir das invasões de 2014. As lições decorrentes dos conflitos no Leste (região do Donbass) e no Sul (península da Crimeia), levaram a Ucrânia a implementar novos conceitos, particularmente ocidentais. “O exército do país aprendeu muito desde a tomada da Crimeia pelos russos e o início na guerra na região do Donbass, em 2014, e demonstra ser uma força bem treinada e bem liderada.” (FILHO, 2022).

Da mesma forma, deve-se pontuar o apoio do ocidente, particularmente dos países integrantes da OTAN. A aliança, combatida pela falta de investimento após a dissolução da União Soviética e por declarações de líderes europeus e do ex-presidente norte-americano, ganhou novo impulso com a adesão da Finlândia e Suécia. O auxílio ocidental tem ocorrido por intermédio de enorme fluxo de material militar, recursos financeiros, ajuda humanitária, inteligência, entre outros. É evidente que as potências ocidentais, tem enormes interesses na integridade territorial da Ucrânia. A forte reação vista no atual conflito comprova o empenho na contenção do expansionismo russo. Na verdade, não é possível determinar até onde Moscou está disposta a avançar na retomada da antiga área de influência soviética.

“...certamente muito mal impressionado pelas imagens desastrosas de afegãos desesperados pendurados nas aeronaves norte-americanas quando da retirada das tropas daquele país do Afeganistão, o presidente Putin começou a ficar excessivamente confiante. Acreditar na própria propaganda é um erro que líderes autocráticos cometem com frequência ao longo da história, e Putin talvez tenha acreditado demais no suposto “declínio do Ocidente”. Ele aparentemente julgou que dispunha de capacidades militares e econômicas mais que suficientes para impor uma derrota rápida aos ucranianos, instalar um governo simpático à Rússia em Kiev e consolidar a posse da Crimeia, além da instalação de dois Estados fantoche, as repúblicas de Lugansk e Donetsk, palcos da guerra civil financiada pelos russos contra a Ucrânia desde 2014.” (FILHO, 2022).

Também nesse aspecto, percebe-se como a obra de Clausewitz permanece atual. Não fosse o apoio à causa ucraniana, prestado pelo ocidente, certamente a Rússia já teria vencido a guerra. Os EUA e a Europa, protegidos por sua aliança militar, garantem o aporte dos recursos necessários à sobrevivência de Kiev.

“Finalmente, os *aliados* de um defensor podem ser mencionados como sendo a sua última fonte de apoio. Não estamos falando do tipo normal de aliado,

como o que o agressor também tem, mas daquele tipo que tem *um interesse substancial* em manter a integridade do território do seu aliado. Se analisarmos a comunidade de Estados da Europa nos dias de hoje, não encontraremos um equilíbrio de poder e de esferas de influência sistematicamente ajustado, que não existe e cuja existência tem sido frequente e justificadamente negada, mas certamente encontraremos a existência de maiores e menores interesses dos Estados e das suas populações intimamente entrelaçados, da maneira mais variada e mais mutável. Cada ponto de interseção une e serve para equilibrar um conjunto de interesses contra o outro (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Em síntese, com base no que foi apresentado nesse capítulo, é possível deduzir que a Rússia tomou o conflito de fevereiro de 2022 como se fora semelhante à invasão perpetrada em 2014. Conforme apontado neste capítulo, as condições tem se mostrado diferentes em vários aspectos, o que torna impossível prever o desfecho da guerra. **A luz do pensamento de Clausewitz, a Federação Russa falhou na compreensão da guerra.**

“O primeiro ato de avaliação, o maior deles, o de maior alcance que o político e o comandante têm que fazer é estabelecer, através daquele exame, em que tipo de guerra estão se envolvendo, não se enganando com relação a ela, nem tentando transformá-la em algo que seja alheio à sua natureza. Esta é a primeira de todas as questões estratégicas e a mais abrangente (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Assim, podemos extrair o seguinte ensinamento: **a compreensão da guerra é um fator primordial para orientar o poder político sobre a decisão de iniciar um conflito armado.** É preciso ter em conta que as variáveis presentes são tão diversas que, iniciado o conflito, torna-se difícil prever o seu desfecho.

“Fica agora perfeitamente claro quão intensamente a natureza objetiva da guerra a torna uma questão de avaliar probabilidades. Só é preciso que haja mais um elemento para **tornar a guerra um jogo de azar** - o acaso: exatamente a última coisa que falta na guerra. Nenhuma outra atividade humana está tão contínua ou universalmente vinculada ao acaso. E através do elemento acaso, a adivinhação e a sorte vêm a desempenhar um importante papel na guerra (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

### **3. ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NO PLANEJAMENTO DA GUERRA**

A decisão de um governo por envolver o seu país em uma guerra deve considerar o objetivo que se deseja alcançar (propósito). Todos os aspectos que

poderão influir no resultado do conflito, particularmente na esfera política, requerem especial atenção, haja vista a abrangência de seus efeitos. Putin e seus assessores tem plena consciência desse fato, e tomaram medidas para orientar a preparação do poder nacional russo.

“Ninguém dá início a uma guerra - ou melhor, ninguém em sã consciência deveria fazê-lo - sem ter primeiro claro em sua mente o que pretende obter através dela e como pretende conduzi-la. O primeiro é o seu propósito político. O último, o seu propósito operativo. Este é o princípio orientador que estabelecerá a sua linha de ação, determinará o vulto dos meios e dos esforços necessários e fará com que a sua influência seja plenamente sentida até o menor detalhe operativo (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

No campo político, pode-se destacar a aliança com a China, que forma a chamada “Parceria sem Limitas”. Essa aproximação, realizada no campo internacional, proporcionou maior segurança à Federação Russa, contribuindo para suas ações no âmbito regional.

Fotografia 4: Chefes de Estado da Rússia e China (Pequim, 2022)



Fonte: REUTERS

Não resta dúvida que a União Europeia e os EUA perceberam o movimento como uma forma de modificar o equilíbrio de poder mundial. Esse movimento é parte da “Grande Estratégia Russa”, no intuito de mitigar (ou paralisar) o efeito de eventuais respostas, planejadas pelo ocidente, particularmente nos campos econômico e militar

“É possível aumentar a probabilidade de êxito sem derrotar as forças inimigas. Refiro-me às operações que tenham *repercussões políticas diretas*, que sejam destinadas em primeiro lugar a romper ou a paralisar a aliança oponente, que conquistem novos aliados para nós, que afetem favoravelmente o panorama político, etc. Se for possível realizar estas operações, é evidente que elas melhorarão muito as nossas perspectivas e poderão criar um caminho muito mais curto para a consecução do propósito do que a destruição dos exércitos oponentes (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Em fevereiro de 2022, por ocasião das Olimpíadas de Inverno, dias antes da invasão da Ucrânia, Vladimir Putin e Xi Jinping se reuniram em Pequim, demonstrando o alinhamento entre ambos, materializado por uma declaração conjunta. Em um dos trechos, fica explícita a oposição de interesses contra a aliança atlântica, evidenciando o aumento da tensão no leste europeu.

“As partes opõem-se a uma maior expansão da Otan e apelam à Aliança do Atlântico Norte para que abandone as suas políticas com uma ideologia da Guerra Fria e respeite a soberania, a segurança e os interesses de outros países, a diversidade de seus padrões civilizacionais e histórico-culturais, e trate o desenvolvimento pacífico de outros Estados de forma objetiva e justa. (Declaração Conjunta, 2022)”

Na expressão econômica, evidencia-se o longo período de preparação da Rússia para a invasão. Desde 2014, quando suas tropas ocuparam a Crimeia, teve início uma série de sanções direcionadas à economia do país. A reação do ocidente, apesar de pouco efetiva, exigia que Moscou implementasse medidas para mitigar novas retaliações.

Tais sanções trouxeram ensinamentos que contribuíram para a estratégia de proteção financeira implementada pelo Kremlin. Destaca-se que em janeiro de 2022, o tesouro russo acumulava grandes reservas internacionais, incluindo ouro, que somavam cerca de US\$ 630 bilhões, o que contribuiu para preservar o rublo da desvalorização.

Fotografia 5 - Ouro no Banco Central Russo



Fonte: Russia Beyond

No campo militar, também ficou evidente, nos últimos anos, a preocupação da Federação Russa em projetar poder. Em 2018, o país realizou a Operação Vostok maior exercício de adestramento militar russo desde o fim da União Soviética. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Defesa, por volta de 300 mil militares integraram a atividade, incluindo cerca de mil aeronaves, dezenas de navios e aproximadamente 36 mil veículos. A manobra também contou com a presença de militares da China e da Mongólia (FILHO, 2018).

“A dissuasão é uma antiga e importante estratégia de segurança. Por meio dela um país demonstra possuir poder militar suficiente e apto a ser empregado de imediato, capaz de se contrapor a qualquer ameaça. Nessa direção, a realização do Vostok 2018 faz todo o sentido: uma grande demonstração de força destinada a impressionar e dissuadir potenciais adversários (FILHO, 2018).”

A concentração estratégica russa foi intensificada a partir de outubro de 2021, quando iniciou a aproximação de meios militares, dispendo-os ao longo de sua fronteira com a Ucrânia e na divisa entre Belarus e a Ucrânia. Vários equipamentos e enorme quantidade de suprimentos foram transportados para a região a partir de campos de treinamento de várias regiões da Rússia. O principal modal utilizado foi o ferroviário.

“Algumas unidades russas empregadas em atividades de treinamento, em especial o exercício combinado de adestramento entre Rússia e Belarus denominado ZAPAD/2021, não retornaram para suas bases de origem, já permanecendo concentradas. Tal ação contribuiu para uma operação de dissimulação russa, viabilizando sua concentração estratégica e a tomada da iniciativa nas ações.” (Revista DMT/Julho a Setembro de 2022)

Em seu discurso, anunciando o início da invasão, o Presidente russo expõe o que considera as “razões” para dar início à “Operação Militar Especial”. Naquele momento, Putin direciona parte de sua mensagem à OTAN, recordando-a da

capacidade militar de seu país, pretendendo dissuadir a aliança de esboçar uma reação mais efetiva em apoio à Ucrânia.

“Agora algumas palavras importantes, muito importantes para quem tiver a tentação de interferir, de fora, nos eventos correntes. Quem quer que tente nos impedir, e ainda mais colocar em perigo nosso país e nosso povo, deve saber que a resposta da Rússia será imediata e o levará a consequências nunca enfrentadas antes na história. Estamos prontos para qualquer desenvolvimento dos acontecimentos. Todas as decisões necessárias foram tomadas a esse respeito. Espero ser ouvido (PUTIN, fevereiro de 2022).”

Visto que em 2014 não houve maior reação do Ocidente, Putin pode ter avaliado que a situação se repetiria, e que o caminho estava pavimentado para a consolidação dos seus propósitos. Essa percepção se manteve durante os dias que antecederam a guerra, visto que os esforços da OTAN não foram percebidos de forma imediata, mesmo nas primeiras semanas do conflito. Vários países europeus se mostraram reticentes em apoiar o esforço defensivo ucraniano. Diante da evidente concentração estratégica russa, o prefeito de Kiev, figura popular no país (ex-campeão mundial de boxe), que havia residido na Alemanha, demonstrou grande insatisfação com a falta de apoio por parte de Olaf Scholz, quando este aprovou apenas o envio de 5.000 capacetes de proteção.

“O comportamento do governo alemão me deixa sem palavras. O Ministério da Defesa aparentemente não percebeu que somos confrontados com forças russas perfeitamente equipadas que podem iniciar outra invasão da Ucrânia a qualquer momento. Que tipo de apoio a Alemanha enviará em seguida, travesseiros? (Vitali Klitschko, prefeito de Kiev, fevereiro de 2022).”

Ao final de fevereiro, após o início da invasão, diante da velocidade do avanço russo, analistas davam como certo que Kiev seria tomada em poucas semanas. No entanto, à medida que o conflito se desenvolveu, a resistência ao avanço russo dava sinais de que seria capaz de retardar a invasão. Em março de 2022, a ofensiva perdeu força no setor norte e alguns territórios começam a ser retomados naquela frente de combate, indicando que a Rússia atingira o ponto culminante de sua ofensiva inicial.

“Se a força superior do ataque - que diminui a cada dia - levar à paz, o propósito terá sido atingido. Há ataques estratégicos que levam diretamente à paz, mas são a minoria. A maioria deles só leva ao ponto em que a força remanescente é apenas suficiente para manter uma defesa e esperar pela paz. Além daquele ponto a balança se inverte e vem a reação, com uma força que normalmente é muito mais intensa do que a do ataque original. É a isto que chamamos de ponto culminante do ataque (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Nesse contexto paira o seguinte questionamento: se o Poder Nacional da Federação Russa, a segunda maior potência militar do planeta, foi preparado para o conflito, por que a guerra se encontra em um impasse?

Para responder a essa pergunta, deve-se retornar ao pensamento de Clausewitz, buscando interpretar os indícios que nos permitem identificar, no escopo do planejamento de mais alto nível, quais foram os principais objetivos traçados por Moscou, consubstanciando o propósito da guerra.

“A guerra pode ser de dois tipos, no sentido de que o seu propósito pode ser derrotar o inimigo - torná-lo politicamente incapaz ou militarmente impotente, forçando-o assim a assinar qualquer tratado de paz que nos agrada, ou meramente ocupar algumas das suas regiões fronteiriças, de modo que possamos anexá-las ou utilizá-las como moeda de troca nas negociações de paz (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Nesse sentido, deve-se recordar o próprio discurso de Putin, o qual determinou a realização da “Operação Militar Especial”. Na ocasião, ficou evidente a intenção do governante russo. Primeiramente, neutralizar as Forças Armadas da Ucrânia, tornando o país impotente militarmente, incitando os militares a deporem suas armas. Da mesma forma, deixou claro o propósito de depor o Governo, ao qual chamou de junta antipopular e criminosa, buscando abalar a sua legitimidade e incapacitá-lo politicamente.

“Devo também me dirigir aos militares das Forças Armadas da Ucrânia. Caros camaradas! Seus pais, avôs e bisavôs não lutaram contra os nazistas, defendendo nossa Pátria comum, para que os neonazistas de hoje tomassem o poder na Ucrânia. Vocês fizeram um juramento de lealdade ao povo ucraniano, e não à junta antipopular que está roubando a Ucrânia e abusando desse mesmo povo. Não cumpram as ordens criminosas dela. Peço-lhes que deponham suas armas imediatamente e vão para casa. Deixo claro: todos os membros do exército ucraniano que atenderem a esta demanda poderão deixar a zona de guerra sem impedimentos e retornar para suas famílias (PUTIN, fevereiro de 2022).”

Dias antes, em 21 de fevereiro de 2022, Putin tomou a decisão que, futuramente, levaria a anexação de outros territórios ucranianos: *“Considero necessário tomar uma decisão muito atrasada: reconhecer imediatamente a independência e a soberania da República Popular de Donetsk e da República Popular de Luhansk”*. A emancipação ilegal desses territórios foi uma das principais razões alegadas para a invasão de 24 de fevereiro de 2022.

“Nesse contexto, em conformidade com o artigo 51, parágrafo 7, da Carta das Nações Unidas, com a sanção do Conselho da Federação da Rússia e cumprindo os tratados de amizade e assistência mútua com a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk ratificados pela Assembleia Federal em 22 de fevereiro deste ano, decidi conduzir uma operação militar especial. Seu objetivo é proteger as pessoas que há oito

anos são submetidas a abusos e a um genocídio por parte do regime de Kiev. E, para tanto, buscaremos desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, assim como levar aos tribunais aqueles que cometeram inúmeros crimes sanguinolentos contra moradores pacíficos, entre eles, cidadãos da Federação Russa (PUTIN, fevereiro de 2022).”

Portanto, para o prosseguimento dessa pesquisa, serão aceitos como válidos os seguintes propósitos estabelecidos pela Federação Russa: a substituição do Governo, a desmilitarização e a anexação territorial. Ao lançar-se no conflito, é possível supor que Putin estava convencido de que seria capaz de atingir esses propósitos; e de forma rápida.

“No final, como sempre ocorreu na história, o destino da Rússia está nas mãos capazes de nosso povo multiétnico. Isso significa que as decisões tomadas serão implementadas, que os objetivos colocados serão alcançados e a defesa de nossa Pátria será seguramente garantida. Acredito em seu apoio e na força invencível que nos dá o amor que temos por nossa Pátria (PUTIN, fevereiro de 2022).”

A memória do sucesso obtido em 2014, certamente estimulou a autoconfiança do Kremlin. Do mesmo modo, a participação nos conflitos da Geórgia (2008) e da Síria podem ter contribuído para a elaboração de um cenário favorável sobre o emprego da força militar (Revista DMT, abril a junho de 2023).

A percepção de um ambiente de disputa na Europa, onde as lideranças enfrentavam desafios para encontrar pontos de convergência política e a visão de que a aliança militar ocidental não apresentaria uma resposta rápida e contundente à “Operação Militar Especial” foram aspectos considerados no processo decisório. Havia também uma sensação positiva a respeito do processo que conduziu a modernização das forças armadas do país, iniciado ainda nos anos 2000. Nesse contexto, a relevância do vasto arsenal nuclear – fator central na dissuasão estratégica de Moscou – indicava uma leitura favorável das capacidades militares russas. Outro componente de alta relevância é o fato de a Ucrânia não integrar a OTAN e, portanto, não estar protegida pelo Artigo 5º da aliança. Assim, pode-se afirmar que o processo que resultou nas decisões políticas e estratégicas da Rússia, certamente desembocou em um cenário era favorável ao fator militar na avaliação do seu cálculo estratégico (Revista DMT, abril a junho de 2023).

“No mesmo sentido, no que se refere à OTAN, a interpretação de que a aliança militar do Ocidente não reuniria, oportunamente, as capacidades de resposta à ação militar russa na Ucrânia, deve ter sido assinalada. No cálculo de Moscou, os membros da aliança não demonstrariam impulso e vontade política para apresentar um eficaz suporte (mesmo que indireto) a Kiev. A partir de uma interpretação ampliada do modo de vida das populações dos

países democratas ocidentais, as lideranças russas não identificaram resiliência suficientemente forte por parte dos seus pares de Oeste (DMT, abril a junho de 2023).”

Deve-se considerar que a Rússia é a maior fornecedora de insumos energéticos para a Europa. O Velho Continente aumentou a sua dependência energética, com destaque para o gás, permitindo um grande poder de barganha para Moscou em uma relação que ficou conhecida como “diplomacia dos gasodutos”. O fortalecimento das relações entre a China e a Rússia também foram contabilizadas para a avaliação dos riscos levantados durante a confecção dos planos da Federação Russa para a “Operação Militar Especial”. Putin concluiu que o cenário elaborado no campo geoeconômico se apresentava suficientemente favorável, de modo a lhe proporcionar boa margem de segurança e maior liberdade de manobra (Revista DMT, abril a junho de 2023).

“Um Estado racional, quando considera a opção de se lançar a guerra, efetua e idealiza o seu cálculo estratégico, cujo objetivo fulcral é verificar se os custos e as perdas do evento são aceitáveis diante dos ganhos visualizados quando da consecução dos objetivos estabelecidos. Ou seja, mesmo considerando a subjetividade do processo decisório de cada Estado, assim como as idiosincrasias que compõem interpretações daquilo que é aceitável sujeitar a nação em prol de um objetivo maior, a lógica natural é que a relação custo/ benefício seja favorável (Revista DMT, abril a junho de 2023).”

O quadro desenhado pelos especialistas russos não foi concretizado. Portanto, infere-se que **a conclusão da análise de inteligência nos níveis político e estratégico estava equivocada**. O prolongamento do conflito comprova essa afirmação. Mais uma vez notamos a influência do acaso, sempre presente no fenômeno da guerra, frustrando expectativas, alterando as probabilidades e tornando o que parece fácil, extremamente difícil: *“a guerra é o reino do acaso. Nenhuma outra atividade humana lhe dá um maior campo de ação. Nenhuma outra tem tantas e tão variadas relações com este intruso. O acaso torna tudo mais incerto e interfere com todo o rumo dos acontecimentos (CLAUSEWITZ, Da Guerra)”*.

Nos meses e semanas que antecederam a eclosão do conflito, diversos líderes europeus realizaram tentativas para demover Putin de iniciar uma nova guerra. Entretanto, o líder russo sequer admitia ter planos para isso, chamando as afirmações do ocidente de “histeria”. O presidente francês, Emmanuel Macron foi à Moscou em 7 de janeiro de 2022, para reunião entre Chefes de Estado, ocasião em que foi feita uma fotografia, certamente intencional, mostrando o distanciamento entre a Rússia e

o Ocidente. Pode-se afirmar que, naquele momento, Putin já estava decidido a iniciar sua “Operação Militar Especial”, haja vista todos os fatos citados anteriormente.

Fotografia 6: reunião entre Rússia e França (fevereiro 2022)



Fonte: GLOBO (G1)

Putin negligenciou alguns indícios de que a OTAN não aceitaria novas anexações territoriais por parte da Rússia. No verão de 2014, após a invasão da Crimeia, foram realizados exercícios militares pela Aliança Ocidental, em uma nítida demonstração de força, sinalizando que iria proteger seus interesses no mar negro e no Báltico. Assim como a Rússia havia deixado claro, durante a Guerra na Geórgia (2008), que não aceitaria a aproximação da OTAN, dessa vez era o ocidente a marcar limites. Na ocasião, aviões de guerra da OTAN foram posicionados no Báltico, exercícios militares foram anunciados na Polônia e os EUA iniciaram o planejamento para reformular o posicionamento de suas tropas na Europa, aproximando-as, ao máximo, da fronteira Russa.

“Normalmente é evidente que as novas informações e reavaliações não são suficientes para fazer com que desistamos das nossas intenções: elas fazem apenas com que a questão seja considerada. Nós agora sabemos mais, mas isto nos torna mais incertos, e não menos. As informações mais recentes não chegam todas de uma vez: apenas chegam em gotas. Chocam-se seguidamente com as nossas decisões e a nossa mente deve estar permanentemente armada, por assim dizer, para lidar com elas (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Há mais um aspecto importante a ser considerado, no que tange ao processo decisório de mais alto nível em Moscou: **a insuficiência dos meios disponibilizados para a invasão**. O planejamento russo julgou suficiente realizar a invasão com suas tropas profissionais, assim como havia feito em 2014. Provavelmente isso ocorreu pelo julgamento de que a resistência seria insipiente. Além disso, o custo político de

uma mobilização afetaria a imagem de Putin como líder carismático e admirado na Rússia.

“A guerra claramente não saiu como ele (Putin) previa e a contraofensiva ucraniana, que causa enormes perdas em pessoal e material às suas forças armadas, já o obrigou a mobilizar tropas pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, uma medida que vem se mostrando muito impopular na Rússia. Não conquistando os objetivos iniciais e vendo sua popularidade diminuir, Putin precisa pelo menos salvar as aparências, propósito a que a anexação das quatro províncias pode servir, pois seria uma situação que poderia ser apresentada aos cidadãos russos como uma vitória (FILHO, 2022).”

A experiência na Síria certamente influenciou o planejamento político e estratégico em Moscou. No entanto, a invasão do território ucraniano, levada a cabo em fevereiro de 2022, se tornaria um conflito de alta intensidade e com características diferentes do que havia enfrentado no Oriente Médio.

“Se pretendermos travar uma guerra móvel devemos esperar, portanto, um grande desgaste das nossas forças. Todos os outros planos devem ser ajustados para este fato e, acima de tudo, deve ser previsto o fornecimento de substitutos (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Um enorme fluxo de russos foi observado com destino à fronteira, com países como Finlândia e Cazaquistão, e a insatisfação já era percebida (e sufocada) na sociedade russa. Mais uma vez, percebe-se a inobservância dos ensinamentos contidos na obra “Da Guerra”. A política, responsável pelo estabelecimento dos objetivos, também será responsabilizada pelos acertos e pelos erros decorrentes das decisões tomadas.

Fotografia 7: fluxo de russos na fronteira com o Cazaquistão



Fonte: Reuters

Em síntese, com base no que foi apresentado nesse capítulo, é possível deduzir que a Rússia cometeu erros no planejamento da “Operação Militar Especial”. Neste capítulo foram evidenciados aqueles julgados mais importantes.

**O primeiro erro foi evidenciado na conclusão da análise de inteligência.**

Nesse sentido, o planejamento russo deixou de observar algumas variantes que indicavam que suas previsões foram baseadas em deduções subjetivas, sem considerar que “a guerra é o reino do acaso” (CLAUSEWITZ, Da Guerra).

**O segundo erro foi a insuficiência dos meios disponibilizados para o início da invasão.** Dessa forma, o planejamento russo falhou ao desconsiderar a possibilidade de grande desgaste durante o avanço, particularmente nos primeiros dias da invasão. Diante da firme defesa ucraniana, seriam necessárias substituições de pessoal e a reposição de material. Os recuos realizados pela Rússia na região de Kiev, Karkiv, Lughansky e Kherson, comprovam que a força reunida não possuía a dimensão necessária.

“Ainda assim, como mostrei acima, logo que têm início os preparativos para uma guerra, o mundo da realidade assume o controle do mundo do pensamento abstrato. Os cálculos materiais tomam o lugar dos extremos hipotéticos e, se não por qualquer outra razão, a interação entre os dois lados tende a ficar aquém do esforço máximo. A totalidade dos seus recursos não seria, portanto, mobilizada imediatamente (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Dos equívocos acima listados decorrem dois ensinamentos. O primeiro permite inferir que **o planejamento nos níveis político e estratégico pode ser contaminado pela consideração de dados altamente subjetivos, resultando em conclusões equivocadas sobre o cenário projetado.**

O Segundo, é **a necessidade de dimensionar corretamente os objetivos políticos aos meios disponíveis para entrar em guerra.** Conforme citado por Clausewitz, não se espera que no início do conflito seja empregada a totalidade dos recursos de um país. No entanto, a força reunida deve ser capaz de manter as conquistas iniciais pois, ao contrário, evidenciará uma grave falha de planejamento.

#### **4. ENSINAMENTOS COLHIDOS A PARTIR DOS EQUÍVOCOS COMETIDOS PELA FEDERAÇÃO RUSSA NA CONDUÇÃO DA GUERRA**

O manual EB70-MC-10.211-PPCOT estabelece que o processo de **planejamento** tem por objetivo “conceber a solução para um problema militar”. Define ainda que “os produtos diretos do planejamento são os planos e as ordens que sincronizam as ações das forças no tempo, no espaço e na finalidade para alcançar objetivos e cumprir suas missões”. O mesmo manual descreve que “dentro do ciclo das operações terrestres, o processo da **condução** engloba três subprocessos: a **preparação**, a **execução** e o **controle**”. Assim, traçando um paralelo com a Doutrina Militar Terrestre Brasileira, pode-se inferir que as forças russas, ao longo do conflito com a Ucrânia, passaram a executar planos e ordens concebidos com muita antecedência.

Clausewitz preocupou-se em formular conceitos que servem de alerta aos decisores, a respeito da diferença entre o planejamento e a condução (particularmente na subfase de execução). Tais pressupostos apontam para a necessidade de adaptação dos planos e ordens durante as operações militares. O conceito de “fricção” criado por Clausewitz demonstra que planejar não é o mesmo que executar. Planos aparentemente bem concebidos correm o risco de fracassar, o que torna preferível a escolha de estratégias mais simples e flexíveis, para que se obtenham melhores resultados.

“A condução da guerra se parece com o funcionamento de uma máquina complexa, com um tremendo atrito, de modo que **as operações que podem ser facilmente planejadas no papel só podem ser executadas através de um grande esforço**. Consequentemente, a livre determinação e a inteligência do comandante encontram-se tolhidas a todo momento e é necessário que haja uma notável energia da mente e do espírito para superar esta resistência. Até mesmo muitas ideias boas são destruídas pela fricção, e devemos realizar de uma maneira mais simples e modesta o que de uma forma mais complicada teria apresentado melhores resultados (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Para compreender a forma como a Federação Russa vem conduzindo a guerra, é preciso identificar a estrutura do poder nesse país. Nesse sentido, destacam-se três autoridades, as quais desempenham papel central no processo decisório e que interferem nos resultados da guerra: o Presidente Vladimir Putin (nível político), o Ministro da Defesa Sergei Shoigu (nível estratégico) e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Russas Valery Gerasimov (nível estratégico). Sem a pretensão de estabelecer qualquer equivalência entre Rússia e Brasil, cabe aqui uma

comparação, para efeito do entendimento, dos conceitos presentes na Doutrina Militar de Defesa. Em comparação ao Brasil, verifica-se que:

“O Nível Político é representado pelo Presidente da República (Comandante Supremo das FA - CS). O Nível Estratégico é representado pelo Ministério da Defesa (nível setorial), que exerce a direção superior das Forças Armadas. O Nível Estratégico é também representado por intermédio do Chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas (Manual MD30-M-01, Doutrina de Operações Conjuntas 1º Volume).”

No que se refere ao planejamento, logo no início do conflito, foi possível compreender a concepção de Emprego Estratégico Conjunto das Forças Armadas Russas. A decisão foi realizar um ataque em quatro frentes. Uma ao Norte, partindo de Belarus, rumo à capital, Kiev (incluindo um assalto aeroterrestre ao aeroporto de Hostomel). A outra convergiu para o Nordeste, na direção de Kharkiv. À Leste, as tropas invasoras partiram da região de Donbas, área parcialmente controlada pelos russos desde 2014. Por fim, ao Sul, o avanço se desenvolveu a partir da Criméia e dos mares de Azov e Negro em direção à Zaporizha e Kherson (FILHO, 2022).

Assim, pode-se deduzir que o objetivo político estabelecido pelo Presidente Putin seria alcançado por uma guerra que priorizaria o princípio da “manobra”. Os avanços iniciais em todas as frentes colocavam as forças russas em uma posição claramente vantajosa no início do conflito. Uma série de movimentos realizados em frentes enormes e com grande profundidade indicavam que a Ucrânia não seria capaz de barrar o avanço inimigo. Segundo a Doutrina Militar Terrestre:

“A MANOBRA caracteriza-se pela capacidade de movimentar ou dispor forças de forma a colocar o inimigo em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que, de outra forma, seriam mais custosos em homens e material. Contribui para obter a superioridade, aproveitar o êxito alcançado e preservar a liberdade de ação, bem como para reduzir as próprias vulnerabilidades (EB20-MF-10.102-Doutrina Militar Terrestre).”

No entanto, como ficou evidente, após um mês de conflito, o avanço russo perdeu a impulsão. Diversos aspectos podem ser apenas especulados para a desaceleração desse movimento, haja vista a dificuldade para a obtenção de informações precisas a esse respeito. Porém, é plausível formular que vários acontecimentos tenham contribuído para esse impasse, dentre os quais devem ser destacados as **dificuldades logísticas** e a **obstinada defesa ucraniana** (FILHO, 2022).

“Os leitores desta obra (Da Guerra), e dos estudos que levaram a ela, podem perguntar porque Clausewitz achou que era necessário afirmar repetidamente que a violência é a essência da guerra... Mas Clausewitz ressaltou este ponto, não só porque a experiência e o estudo do passado o haviam convencido da sua veracidade, mas ele estava também dando uma resposta ao número surpreendentemente elevado de teóricos que continuavam a afirmar que as guerras poderiam ser ganhas através de manobras e não através do derramamento de sangue (PARET, Peter, A Gênese de Da Guerra).”

Portanto, a manobra, como princípio de guerra, não deve ser negligenciada. No entanto, a violência sempre estará presente no fenômeno das guerras, pois a natureza dos conflitos remete ao extremo da imposição: *“a guerra é um ato de força e não existe qualquer limite lógico para o emprego desta força. Cada lado obriga, portanto, o seu oponente a fazer o mesmo que ele (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”*

Mapa 5: avanço inicial russo



Fonte: blog Paulo Filho

As dificuldades logísticas da Rússia resultam, em grande parte, da limitação auto imposta pelo governo, em não aceitar a declaração de guerra como uma opção viável. Essa diretriz de condução da guerra, nos níveis político e estratégico, dificulta a implementação do processo de mobilização do país. De fato, se a nação não está em guerra, então deduz-se que o esforço adequado será obtido com menor engajamento das estruturas de poder. Para os russos, por lei, a Rússia não está em guerra.

“Na Rússia, é proibido se referir aos acontecimentos na Ucrânia como uma guerra. Nesta sexta-feira, isso passou a ser crime, com punição de até 15 anos de prisão. O governo de Vladimir Putin impõe aos russos um regime duro de censura à imprensa e às redes sociais; e mente para população sem nenhum pudor para justificar o ataque à Ucrânia (G1, Jornal Nacional).”

A Rússia superestimou a determinação inicial da própria força e, baseado em uma análise de inteligência equivocada, acreditou que já reunia as condições necessárias para vencer a guerra sem “mobilização”. No entanto, o conflito se estendeu, e não se visualiza uma paz negociada a curto prazo. Com as baixas humanas se acumulando, a saída foi decretar uma “mobilização parcial” para adequar a “função logística recursos humanos”. Portanto, **a decretação de uma mobilização total não foi realizada, o que constitui um erro da federação russa na condução da guerra.**

“A **mobilização** constitui a ferramenta de que o Estado dispõe para obter os recursos que não puderem ser providos de imediato pela logística nacional para consecução das ações estratégicas nacionais. O entendimento fundamental é de que a Logística é o ponto de partida para o planejamento da mobilização... **Função logística** é definida como a reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas de mesma natureza. As funções logísticas são: suprimento, manutenção, transporte, engenharia, **recursos humanos**, saúde e salvamento (EB70-MC-10.238 – Logística Militar Terrestre).”

Vladimir Putin anunciou, em setembro de 2022, a realização de uma “mobilização parcial”, que segundo o Ministro Shoigu, poderia chegar a 300 mil soldados. Essa decisão política e estratégica ocorreu no momento em que os russos estavam perdendo territórios conquistados devido a uma contra ofensiva ucraniana muito bem conduzida. Em pronunciamento oficial, o presidente russo declarou:

“Para proteger nossa Pátria, sua soberania e integridade territorial, para garantir a segurança de nosso povo e do povo nos territórios libertados, considero necessário apoiar a proposta do Ministério da Defesa e do Estado-Maior de realizar uma mobilização parcial na Federação da Rússia. Serão convocados os cidadãos que se encontram atualmente na reserva, e sobretudo os que serviram nas Forças Armadas, que possuam determinadas especialidades militares e experiência relevante, estarão sujeitos ao recrutamento para o serviço militar. Os convocados para o serviço militar passarão por treinamento militar adicional sem falta, levando em conta a experiência de uma operação militar especial, antes de serem enviados às unidades (Brasil de Fato).”

Clausewitz não descuidou de tratar sobre o tema da mobilização. Na verdade, ao considerar a guerra “um instrumento da política” já havia dissertado sobre a necessidade de empregar todos os meios necessários e à disposição do Estado. O historiador norte americano Peter Paret, em brilhante ensaio introdutório sobre “Da Guerra”, soube extrair as principais considerações do General Prussiano sobre esse tema.

“Quando tinha 24 anos de idade (Clausewitz), havia escrito que a guerra deve ser sempre travada com a maior quantidade de energia possível - que apenas as operações mais decisivas estavam de acordo com a natureza da guerra.

Oito anos depois, ensinava ao seu pupilo, o Príncipe Herdeiro, que **a guerra exigia sempre a mais completa mobilização de recursos** e a sua utilização mais vigorosa. Havia aqui implicações específicas decorrentes do conceito de *guerra absoluta*, da guerra que, de uma maneira ideal, deveria ser travada com o máximo de violência - de uma maneira ideal porque a violência extrema estava de acordo com a sua natureza. Se a guerra era um ato de força, **Clausewitz não podia perceber quaisquer limites lógicos, “intrínsecos” ou autoimpostos, ao uso da força** (PARET, Peter).”

A obstinada defesa oferecida pelo povo ucraniano é outro fator que dificulta o sucesso russo. Em uma análise superficial, constata-se que as ações executadas por Moscou não enfraqueceram a vontade de resistir à invasão. Nos níveis político e estratégico, é possível fundamentar essa análise utilizando dois conceitos introduzidos por Clausewitz: a “*Firmeza*” e a “*Capacidade de Resistir*”. Apesar das semelhanças, ambos guardam profundas diferenças relacionadas ao comportamento do defensor (CLAUSEWITZ, Da Guerra).

“Firmeza significa a resistência da vontade a um único golpe. Capacidade de resistir refere-se a uma resistência prolongada. Embora os dois termos sejam semelhantes, e muitas vezes sejam empregados de uma maneira intercambiável, a diferença entre eles é significativa e inequívoca. A firmeza em face de um único golpe pode ser decorrente de uma forte emoção, ao passo que a inteligência ajuda a manter a resistência prolongada. Quanto mais durar um combate, mais decidida torna-se a resistência prolongada e esta é uma das suas fontes de força (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Fotografia 8: Soldados e civis comemoraram a libertação de Kherson (Nov 2022)



Fonte: Reuters Imagens

Moscou não identificou o espírito de resistência do povo ucraniano como um centro de gravidade. Mesmo após as primeiras semanas do conflito, quando restava evidente que a resistência seria forte. A agressão fortaleceu a “solidariedade e a

coesão interna” que podem ser definidas como: *“laços morais que ligam os indivíduos de uma nação à um objetivo comum. Adesão a uma causa comum. União diante de uma ameaça comum”* (CASTRO, 2018). Mesmo diante do enorme sofrimento causado pelo conflito, a população da Ucrânia tem dado inúmeras demonstrações de resiliência e, até o momento, vem mantendo o apoio ao governo do país (FILHO, 2022).

“Sempre haverá tempo suficiente para morrer. Como um homem que está se afogando, que se agarra instintivamente a qualquer coisa para se salvar, é a lei natural do mundo moral que uma nação que se encontre à beira de um abismo tente salvar-se através de qualquer meio. Não importa o quanto um país possa ser pequeno e fraco em comparação ao seu inimigo, ele não deverá deixar de realizar estes últimos esforços, ou concluiremos que o seu espírito está morto (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

A Federação Russa custou a escalar o conflito. Somente meses após o início da invasão pode-se identificar uma campanha mais robusta sobre a infraestrutura crítica ucraniana. Como a percepção de Moscou a respeito do conflito indicava uma vitória rápida, é provável que Putin planejasse beneficiar o seu país com a apropriação dessas benfeitorias. Essa hipótese tornou-se ainda mais realista após o plebiscito realizado em setembro de 2022 que levou a anexação dos “Oblasts” de Luhansk, Donetsk, Kherson e Zaporizhzhia. O autor Bernard Brodie em uma excelente interpretação de “Da Guerra”, ressalta o pensamento de Clausewitz sobre o risco da moderação na condução da guerra:

“O propósito da guerra, diz Clausewitz numa afirmativa tríplice, é impor a nossa vontade ao inimigo, e para fazer isto empregamos os meios de maior força disponíveis, com o propósito de torná-lo impotente. Observamos assim, logo no início, a distinção entre os propósitos militar e político. Não devemos permitir que o sofrimento causado pela brutalidade da guerra iniba o emprego dos meios, porque **“a guerra é uma atividade tão perigosa que os erros provenientes da bondade são os piores”**. As nações civilizadas podem ter inibições, mas isto é devido às forças sociais que “não fazem parte da guerra.” E, em seguida: “Introduzir o princípio da moderação na teoria da própria guerra levaria sempre a um absurdo lógico (BRODIE, Bernard, Um Guia para a Leitura de Da Guerra).”

**A moderação acima citada, empregada pela Rússia nas primeiras fases da invasão, evidencia um equívoco na condução da guerra.** Essa atitude favoreceu o esforço ucraniano, permitindo tempo para adaptação à guerra. Assim, enquanto as forças de Kiev trocavam espaço por tempo, executando recuos estratégicos, foi possível reunir um forte apoio interno, e aguardar pelo esforço ocidental, o qual forneceria os meios e recursos necessários para a sustentação da defesa da Ucrânia.

“A possibilidade de evitar uma ruína completa pagando um alto preço pela paz não deve ser descartada, mas até mesmo esta intenção, por sua vez, não eliminará a utilidade de novas medidas de defesa. Elas não tornarão a paz mais difícil e mais onerosa, mas mais fácil e melhor. **Elas serão ainda mais desejáveis quando puder ser esperada a ajuda de outros Estados que possuam algum interesse na sua sobrevivência.** Um governo que após haver perdido uma importante batalha só esteja interessado em deixar o seu povo voltar a dormir em paz logo que possível e que, esmagado pelos sentimentos de fracasso e de decepção, não tenha coragem nem desejo de realizar um último esforço, estará, devido à sua fraqueza, envolvido de qualquer maneira numa grande incoerência. Ele revela que não merece vencer e, possivelmente por esta mesma razão, tenha sido incapaz de fazê-lo (CLAUSEWITZ, Da Guerra).”

Em síntese, a luz do pensamento de Clausewitz, a Federação Russa cometeu dois grandes erros, nos níveis político e estratégico, referentes à condução da guerra. O primeiro foi **não decretar a mobilização total do país**, o que obstruiu o esforço nacional para vencer o conflito. O segundo erro foi **retardar a escalada do conflito**, permitindo tempo precioso para a organização do apoio interno e externo à Ucrânia.

Dos equívocos listados acima, decorrem dois ensinamentos. O primeiro é a **importância da mobilização** para o esforço de guerra. Com a mobilização, será possível reunir os itens necessários à sustentação do conflito. Todos os meios que não se encontravam disponíveis no início da guerra são obtidos por meio da mobilização.

O segundo ensinamento é a **necessidade de escalar o conflito no momento oportuno**. Dessa forma, com emprego da violência necessária para a obtenção da vitória, serão atacados os objetivos que indiquem a quebra da coesão e da capacidade de resistir da população ou do governo inimigo. Com isso, será negada ao oponente organização dos apoios, interno e externo, necessários à construção do esforço de guerra.

## 5. CONCLUSÃO

O Conflito da Ucrânia traz ao estamento militar a oportunidade de estudar uma guerra em curso. Para esse trabalho, é de grande utilidade o referencial teórico proporcionado pelos grandes teóricos militares, dentre os quais se destaca o pensamento militar de Clausewitz. Nesse sentido, os equívocos cometidos pela

Federação Russa podem oferecer valiosos ensinamentos nos níveis político e estratégico.

Passaram-se quase 600 dias desde que as forças de Moscou cruzaram as fronteiras da Ucrânia. Em fevereiro de 2022, os russos iniciaram uma operação que se esperava ser avassaladora, pela qual previam uma incontestável derrota das forças ucranianas, destituindo o governo de Zelensky do poder para substituí-lo por um líder “alinhado” ao regime em vigor na Rússia.

Mapa 6: situação da frente em julho 2023



Fonte: Ministère des Armées

Não resta dúvida de que invasão do território ucraniano é ilegal. Trata-se de uma afronta a, pelo menos, três arcabouços legais do Direito Internacional dos quais a Rússia é signatária. Inicialmente destaca-se a Carta da ONU, particularmente o que prescreve o nº 4 do artigo 2º, o qual regula que *“os Membros deverão evitar em suas relações internacionais a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a dependência política de qualquer Estado”*.

Em segundo lugar, e não menos importante, ressalta-se o Memorando de Budapeste, assinado em 1994, após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, pelo qual Grã-Bretanha, Rússia e Estados Unidos acordaram *“abster-se de recorrer à ameaça ou uso da força contra a integridade territorial ou a independência política da Ucrânia”*, cuja moeda de troca foi a adesão ucraniana ao Tratado de Não Proliferação Nuclear. Infelizmente, para a Ucrânia, o tratado exigiu a entrega à Rússia de todo armamento nuclear, remanescentes do período Soviético.

Tem-se ainda o Acordo de Helsinque, de 1975, ocasião em que os negociadores dos blocos antagônicos (capitalista ocidental e comunista oriental) reuniram-se na cidade de Helsinque, para tratar a respeito da paz na Europa. Naquele evento, todos os países signatários, dentre os quais a União Soviética, ratificaram “*a cooperação econômica, a inviolabilidade das fronteiras, a solução pacífica de conflitos e a não intromissão em assuntos de ordem interna*”.

No entanto, todos os acordos existentes não impediram o presidente Vladimir Putin de iniciar a invasão da Ucrânia. Em seu discurso, justificou o conflito elencando razões históricas e de segurança nacional. Tentar compreendê-las não significa concordar com elas. Mas é fundamental para se entender como chegamos a esse momento da guerra. A narrativa se baseia em ligações históricas e laços comuns que negam a até mesmo a existência da Ucrânia como um país independente é inconcebível.

Contudo, ao arrepio da ONU e do Direito Internacional, mais uma vez a Europa vive um conflito de alta intensidade, o qual já se estende por mais de 600 dias. As linhas de frente, a guerra de atrito, táticas julgadas ultrapassadas como a guerra de trincheiras e grandes formações blindadas resurgiram no coração da Europa. As poderosas barragens de artilharia e o bombardeio em regiões densamente povoadas recordaram a humanidade a respeito da natureza da guerra: a violência.

A guerra em curso na Ucrânia evidencia, novamente, a realidade do caráter total das guerras, conforme elaborado por Clausewitz, em meados do século XIX, permanecendo um tema atual ainda nos dias de hoje. Dessa maneira, a natureza violenta da guerra vem se confirmando pelos fatos em batalha. Assim, parece imprudente aconselhar aos chefes militares da atualidade o esquecimento dos pressupostos elaborados pelo general prussiano.

Ao contrário, as notícias que chegam ao público em todo o mundo, vem confirmando os ensinamentos de um comandante experiente em batalha. Quase 200 anos passados de seu falecimento, esses conceitos continuam válidos e necessários à compreensão da guerra. Historicamente, a falha em compreender os conflitos levou nações poderosas ao fracasso. Como exemplos elucidativos temos as agressões sofridas pela própria Rússia, conduzidas por Napoleão Bonaparte e,

posteriormente, por Adolf Hitler. Como foi apresentado anteriormente, podemos extrair do atual conflito o seguinte ensinamento: **a compreensão da guerra é um fator primordial para orientar o poder político sobre a decisão de iniciar um conflito armado.**

O conflito russo-ucraniano vem se prolongando, sem que se possa visualizar o seu fim. Essa situação pode ser imputada a dois importantes aspectos. Primeiramente, à forte resiliência do povo ucraniano, que se uniu sob a improvável liderança política de Volodymyr Zelensky (um comediante que se tornou presidente) e pelo apoio de toda a sociedade às suas forças armadas em defesa da sua pátria. Os russos foram surpreendidos por esse comportamento, pois não acreditavam que seria oferecida uma resistência tão firme aos primeiros avanços de suas tropas.

Na sequência, o prolongamento do conflito deve-se ao apoio ocidental, com o maciço envio de recursos financeiros, realização de treinamento e fornecimento de inúmeros equipamentos de emprego militar, os quais possibilitaram a sustentação da Ucrânia em combate, reunindo condições de resistir à pressão Russa. Da mesma forma, foram realizados vários embargos econômicos à Federação Rússia. Tem se falado que essas sanções não foram totalmente eficazes em combalir as finanças russas, mas é evidente que ocasionaram vários óbices ao país. Aparentemente os russos não estavam preparados para um cenário de forte resistência defensiva e volumoso apoio externo. Do exposto, podemos extrair uma importante lição: **o planejamento nos níveis político e estratégico pode ser contaminado pela consideração de dados altamente subjetivos, resultando em conclusões equivocadas sobre o cenário projetado.**

Após um mês de guerra, a ofensiva russa aparentava ter atingido o seu ponto culminante, diferente do que havia sido planejado. Os fatores elencados para a perda da impulsão certamente se devem a aspectos logísticos e à já citada defesa ucraniana. Porém, ficou evidente que os meios disponíveis no momento da invasão não eram suficientes para enfrentar a tarefa atribuída às forças armadas. As experiências adquiridas pelos russos na Criméia e na Síria não poderiam servir de referência para o conflito que estava por vir. Portanto, como ensinamento, é necessário, durante o planejamento nos níveis político e estratégico, **dimensionar corretamente os objetivos políticos aos meios disponíveis para entrar em**

**guerra.** É razoável inferir que os objetivos estabelecidos não eram compatíveis com a força empregada (e com o inimigo) diferentemente do que ocorreu na Criméia e na Síria.

Historicamente, a condução de campanhas militares são fenômenos onerosos para qualquer país. É assim porque os conflitos armados exigem grande esforço e os custos em material e vidas são enormes. Portanto, não se pode adentrar em um conflito armado sem que todo o poder do estado esteja direcionado para a conquista dos objetivos políticos, ou seja, sem que a nação esteja totalmente mobilizada para essa difícil tarefa. Conforme tratado nesse estudo, sendo a guerra um instrumento da política, cabe aos representantes desse poder a definição dos limites de ação do poder militar. Deve estar claramente definido até onde o governo está disposto a escalar a guerra. Esse regramento não pode ser tão restritivo ao ponto que se torne um obstáculo para a conquista dos objetivos políticos. Portanto, os equívocos da Rússia na condução da guerra nos trazem dois ensinamentos: a **importância da mobilização** para o esforço de guerra e a **necessidade de escalar o conflito** com emprego da violência necessária para a obtenção da vitória.

Por fim, o Conflito da Ucrânia permanecerá por algum tempo com o seu desfecho incerto. Como afirmou Clausewitz, “a guerra é o domínio da incerteza”. Ao irromper a invasão russa da Ucrânia, proeminentes analistas previam um rápido desfecho, que não ocorreu. Aparentemente, o entrelaço de forças teorizado por Mckinder sobre o “Coração do Mundo” continuará relevante na nova ordem mundial, seja ela qual for.

## REFERÊNCIAS

Brasil de Fato. **Putin anuncia mobilização parcial da Rússia na guerra da Ucrânia.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/21/putin-anuncia-mobilizacao-parcial-da-russia-na-guerra-da-ucrania>. Acessado em 3 de setembro 2023.

BRODIE, Bernard. Texto “**Um Guia para a Leitura de Da Guerra**”. Tradução do inglês para o português CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984.

CARVALHO, Guilherme Otávio Godinho. **O Conflito na Ucrânia: Raízes da Guerra.** Revista “Doutrina Militar Terrestre” (DMT). Abril a junho de 2023.

CLAUSEWITZ, CARL VON. **Da Guerra.** Tradução para o inglês MICHAEL HOWARD e PETER PARET. Tradução do inglês para o português CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Ensaio introdutório por PETER PARET, MICHAEL HOWARD e BERNARD BRODIE. Edição revisada em 1984.

DE CASTRO, Paulo Cesar. **A Criméia e o Poder.** Revista “Doutrina Militar Terrestre” (DMT). Julho a Dezembro de 2014.

DE CASTRO, Tiago Castro. **Método – Preparação e Abordagem de Temas e Questões Discursivas de História, Geografia e Geoestratégia.** 2018. Biblioteca do Exército. 2ª Edição.

\_\_\_\_\_, Exército Brasileiro, Manual de Fundamentos EB20-MF-10.102 – **Doutrina Militar Terrestre**, 2022. 3ª edição.

\_\_\_\_\_, Exército Brasileiro, Manual de Campanha C 20-10 – **Liderança Militar**, 2011. 2ª edição.

\_\_\_\_\_, Exército Brasileiro, Manual de Campanha EB70-MC-10.238 – **Logística Militar Terrestre**, 2022. 2ª edição.

\_\_\_\_\_, Exército Brasileiro, Manual de Campanha EB 70-MC-10.211 – **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**, 2022. 2ª Edição.

\_\_\_\_\_, Ministério da Defesa, Manual MD30-M-01 – **Doutrina de Operações Conjuntas**. 1º Volume. 2011.

FILHO, Paulo. **A Ameaça Nuclear de Putin.** Disponível em: <https://paulofilho.net.br/2022/10/07/a-ameaca-nuclear-de-putin/>. Acesso em 10 de setembro de 2023

FILHO, Paulo. **A liderança política na guerra da Ucrânia.** Disponível em: <https://paulofilho.net.br/2022/07/24/a-lideranca-politica-na-guerra-da-Ucrania/>.

FILHO, PAULO. **Tambores da guerra?** Disponível em: [https:// paulofilho.net.br /2018/09/24/ tambores-da-guerra/](https://paulofilho.net.br/2018/09/24/tambores-da-guerra/). Acesso em 23 de abril de 2023.

FILHO, PAULO. **Um mês de guerra na Ucrânia.** Disponível em: <https://paulofilho.net.br/2022/03/30/um-mes-de-guerra-na-ucrania>. Acessado em 20 de abril de 2023. Acessado em 20 de abril de 2023.

G1: **Rússia aprova pena de até 15 anos de prisão para quem chamar ação na Ucrânia de guerra ou invasão.** Disponível em: [https://g1.globo.com/ jornal-nacional/noticia/2022/03/04/ russia-aprova-pena-de-ate-15-anos-de-prisao-para-](https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/04/russia-aprova-pena-de-ate-15-anos-de-prisao-para-)

quem-chamar-acao-na-ucrania-de-guerra-ou-invasao.ghtml. Acessado em 12 de abril 2023.

MACKINDER, Halford John. ***The Geographical Pivot of History*** (O Pivô Geográfico da História). Editora Cosimo Classics. Fevereiro de 12020.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia. 10 Mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global.** 2018. Editora ZAHAR.

Ministério da Defesa da Grã Bretanha. **The illegal and unprovoked invasion of Ukraine is continuing. The map below is the latest Defence Intelligence update on the situation in Ukraine - 30 March 2022.** Disponível em: <https://twitter.com/DefenceHQ/status/1509126542479302658/photo/1>.

O GLOBO. **China e Rússia anunciam parceria ‘sem limites’ em meio a tensões com potências ocidentais.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/china-russia-anunciam-parceria-sem-limites-em-meio-tensoes-com-potencias-ocidentais-1-25380470>. Acessado em 10 de junho 2023.

PEREIRA, Valmir Fonseca Azevedo, Exército Brasileiro, Revista “A Defesa Nacional”. **Aplicação dos Conceitos de Clausewitz nos Principais Conflitos Após a Segunda Guerra Mundial.** Nº 756. Abril/Junho 1992.

Revista Exame: reportagem – **Chegou a hora? Biden diz que Putin decidiu mesmo invadir a Ucrânia.** Disponível em: <https://exame.com/mundo/chegou-a-hora-biden-diz-que-putin-decidiu-mesmo-invadir-a-ucrania/>. Acessado em 3 de agosto de 2023.

SPYKMAN, Nicholas. **America’s Strategy in World Politics**, Harcourt, Brace and Company, New York, 1942.

**Update on the situation in Ukraine - 30 March 2022.** Disponível em: <https://twitter.com/DefenceHQ/status/1509126542479302658/photo/1>

UOL. Reportagem: **Piada, diz prefeito de Kiev.** <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/01/27/alemanha-capacetes-ucrania-piada.htm>. Acesso em 12 de julho de 2023.

WALTER, Cel R1. **Avaliação Estrutural do Grupo Tático de Batalhão do Exército Russo.** Revista “Doutrina Militar Terrestre” (DMT). Julho a setembro de 2022.